

# SUBSIDIO

PARA

# A Historia do Norte litterario

Era intenção minha enfeixar todo o subsidio sobre o Ceará litterario no meu primeiro trabalho, inserto na «Revista da Academia Cearense» de 1899; aconteceu, porém, por occasião de uma palestra litteraria do «Centro», vir á tona da conversação o nome de um mallogrado poeta cearense, grande pelo talento e mais celebrado pela sua desventura.

Muitos dos circumstantes, rapazes de 18 annos, confessaram ignorancia absoluta sobre a existencia daquelle fadado e malfadado filho desta terra, tal o esquecimento a que estava entregue um nome digno de figurar na historia de ouro de nossos litteratos. Um brado de revolta surda e ao mesmo tempo um sentimento de compaixão fraternal dominaram-me o espirito, e desse estado d'alma nasceu a ideia de fazer um additamento ao trabalho referido.

Joaquim de Souza, cognominado por desdem e apreço, o *bardo da canalha*, é o vulto infeliz e glorioso que inspirou-me estas paginas.

Eis a sua historia, como me foi possivel colher da indifferença geral que o vulgo dispensa aos desequilibrados do talento.

JOAQUIM DE SOUSA

Foi um grande infeliz, isto é, um verdadeiro poéta! Há pouco mais de vinte annos enriquecia as lettras cearenses o estro do desditoso poéta Joaquim de Sousa, cujo termo a existencia foi o mais tragico e desgraçado. E prestando essa humilde homenagem, cumprimos um dever de honra, ou antes, concorremos com uma pequena parcella para o resgate da divida, em que tem estado o Ceará, votando ao esquecimento até agora um dos seus caros e prestimosos filhos.

Não temos os dados precisos para uma biographia, a despeito de todas as nossas pesquizas; enfeixaremos, porém, nestas paginas tudo quanto conseguimos a respeito do grande infortunado de que nos occupamos.

Será o merito destas linhas a bôa intenção com que são lançadas.

*
* *

Joaquim de Sousa era filho do capitão Francisco José de Sousa (*), vulgo Pinta-Femea, e de D.ª Maria Madaglena de Sousa. Homem de pouco cultivo intellectual e que, vindo do Aracaty, dedicava-se nesta cidade ao commercio de gados, o pai do Joaquim de Sousa não primava pelos dotes do espirito.

Nascera Joaquim nesta capital, á rua Senador Pompeu, talvez em 1854 (não foi possivel descobrirmos a epocha de seu nascimento), e teve por padrinho o Sr. Barão de Ibiapaba.

Frequentou escholas de primeiras lettras, revelando sempre grande intelligencia e reconhecida vocação para a poesia como os seus dous irmãos José Galliano, poeta

---

(*) Segundo informação de um illustre cavalheiro de nossa sociedade, que foi collega de escola do poeta.

popular e Manoel, moço que recebera educação mais perfeita, pelo que exercia com muita vantagem as funcções de guarda-livros.

Cedo perdera pai e mãi; e, obedecendo a uma tendencia toda especial de desequilibrado, inclinara-se ao vicio do alcool, em que buscava afogar as fundas tristezas que de dia a dia lhe assoberbavão a alma.

«Não foi meu coração que desvairou-se
No deserto, perdido perigrino—
Foi a sina fatal que consummou-se
Eu nasci já maldicto do destino.»

Escrevia elle esse fundo desalento do Rio de Janeiro, photographando nesta simples quadra todo fel de sua existencia.

Dotado de todos os requisitos de verdadeiro poéta, Joaquim de Souza era, porém, ignorante.

Eis o que a seu respeito escreveu o pranteado Antonio Martins, na «Constituição» de 8 de outubro de 1876: «... não era um poéta vulgar, nem mestre na arte— um cantor inspirado e terno, melodioso e ardente—como as patativas dos nossos bosques ou o sabiá das nossas varzeas». Era appellidado por *Byron da Canalha*, synthese de seu grande talento e do desregramento em que vivia. Improvisador a queima roupa, tinha a inspiração sempre prompta para quem desejava se apparelhar de bons versos para anniversarios, felicitações etc. Como epigrammatista era terrivel; referiram-nos que nas lides, pouco abonaveis, da politica aldeiã, quando se pretendia ridicularisar qualquer figurão, quasi sempre desconhecido do poeta, pintava-se-lhe o typo, emprestava-se-lhe algumas taxas, e a satyra era immediata, com felicidade genial; convindo observar que só conseguiam isto delle quando o infeliz Byron cearense estava entregue aos vaporosos momentos do desgraçado Baccho.

Levava a vida de bohemio e verdadeiro ratão e tinha invariavelmente as algibeiras furadas; e nunca deu em volume as suas varias producções.

Herdara, depois da morte de seu pai, uns seiscentos mil réis, e foi rico um instante. Comprou *fatiola* com que retratou-se; deu esmolas de 20 mil réis; fez *comes e bebes* uma semana; não deixou visinho pobre; tendo com os ultimos recursos comprado passagem para o Rio de Janeiro. Dizia sempre que quando lhe restasse apenas *um vintem* suicidar-se-ia. E cumpriu o seu agourento protesto.

Embarcou para a Côrte a 30 de Abril de 1876 no vapor «Ceará» (o mesmo que trouxe a noticia de sua morte, como diz Antonio Martins no citado artigo), e arrastou pela grande Capital uma vida infeliz de nostalgias pungentissimas e desalentos profundos.

Eis as suas impressões n'aquelle grande centro, referidas em carta: «Eu vou indo por aqui pouco mais ou menos como o condemnado que leva a cruz ao Calvario.

Como se poderá ser feliz quando não nos affaga mais a esperança !...»

Era portanto um estado d'alma convencidamente entregue a idéa da morte, da aniquilação.

O tedio, a descrença e o desequilibrio envenenaram'o desde os seus primeiros dias.

«Amanhã! amanhã! triste mysterio,
—Concha fria que encerra o meu futuro!

. . . . . . . . . . . . .

Sempre assim.

Aquella compleição doentia de mestiço impressionavel, vibratil, entediada, tocava ao apice do desconforto:

. . . . . . . . . . . . .

E sombrio retomo a negra estrada:
Adeus raio do ceu, eu volto ao nada»

Reduzira-se ao infeliz estado de possuir apenas *vinte réis*, como desgraçadamente previra.

Era a 7 de Setembro de 1876, o desditoso moço

achou solemnemente grande aquelle dia nos annaes das nossas festas de gloria; e entendeu que o seu intimo infortunio de poeta devia merecer um termo em data tão memoravel.

O espirito pedia independencia do fardo da materia.

E' de prever o estranho, o surdo e impenetravel estado a que reduzira-se todo o conjuncto de vibração physicas de Joaquim de Sousa, depois de concebida a idéa unica e decisiva de pôr termo á existencia naquelle dia, lançando-se ao mar.

Tornara-se creança, fizera uma viagem ao passado, embalado pelo bafejo das reminiscencias doces; voltou á sua aldeia; conversou com suas irmans; sentiu um beijo materno; vio o cortejo de amigos; correu toda a via dolorosa de sua existencia, com o inefavel prazer de quem volta ao lar paterno depois de longa e infeliz auzencia; e todo esse retrospecto de dor e saudade elle synthetisou no seu canto do cysne: «Versos a minha irmã», feitos para servirem de espolio, juntamente com o derradeiro vintem encontrado no seu bolço.

Lançara-se ao cahir da noute, de uma noute estrellada de Setembro, á bahia de Guanabara.

A sua historia o seu espolio, o seu epitaphio e a sua gloria é aquella poesia que conseguimos transcrever como chave de ouro d'este modesto trabalho.

Medite o leitor sobre cada verso, cada palavra, e poderá julgar dos peregrinos dons que faziam a entidade de Joaquim de Sousa.

## VERSOS Á MINHA IRMÃ

Oh! mar oh! solidão eu te saudo:
No deserto soberbo em que tu rolas
Passa a aza subtil da garça branca
Como tenue vapor que se esvaece;
Mas o verme brutal não vae rasteiro
Sobre o leito da dor dormir impuro.
Alta noite na tolda do navio,

Com os olhos fitos nos celestes lumes,
Ora plenos de luz, ou desmaiados,
Luzes de festa ou cyrios de sepulchro,
Eu lembrei-me de ti, oh! minha terra,
E foi teu meu suspiro amargurado!
Feliz quem sob o lar de sua infancia
Dormio sempre em risonha placidez,
Quem nunca vio no céo estrellas negras,
Os demonios da dor lançando o crepe
Sobre santos recessos de sua alma...
Feliz de quem dormio somno tranquillo.
Junto a casta familia, e o desvario
Nunca arrojou-o ao pelago das aguas!
Adeus, oh! minha irmã, oh! meus amores!
Nunca mais unirei os teus cabellos
Ao meu seio febril e palpitante;
Adeus e nunca mais passo esta sombra,
Que tanto te adorou, por teus sonhares;
Morra o meu nome qual a espuma branca
Que resvala subtil no mar em calma!

Não pode deixar de ser um verdadeiro genio e o maior dos espiritos quem na hora suprema da morte allia estes dous sentimentos: o amor fraternal ao amor da patria!

« . . . . . . . . . . .

Eu lembrei-me de ti, oh minha terra,
E foi teu meu canto amargurado. »

E depois, como o lamento de quem arranca o proprio coração:

« Adeus oh! minha irmã...

. . . . . . . . . . . »

Já que abri a excepção, aproveito a opportunidade para consignar referencias a que fazem jus dous poetas cearenses: Bomfim Sobrinho e Bruno Barbosa, aquelle por que acaba de fechar as paginas da vida, e este por iniciar agora a leitura do luminoso livro com que as Musas fadaram-n'o ainda no berço infantil.

### Bomfim Sobrinho

« Poeta inclinado á musa da tristeza », com estas laconicas palavras caracterisei em meu trabalho, já alludido, o estro de Bomfim Sobrinho; longe estava, porém de pensar que tão cedo o meu juizo se convertesse em seguro vaticinio.

Quem privasse com aquelle pobre moço, analysando-lhe apenas as manifestações da vida exterior; quem não podesse attingir ao gráo de tortura a que vivia entregue aquelle espirito somnambulo pela mansão terrena; quem não lhe estudasse a natural indifferença por tudo; quem não soubesse, emfim, através de certos caprichos da natureza, não comprehendidos pelo vulgo, estudar na physionomia, nos actos, na indolencia e no mutismo, o conjuncto de circumstancias que faziam n'aquelle envolucro fragilimo um intellectual: não deixaria de, como quasi o Ceará em pezo, julgar o desditoso Bomfim um descocado commum.

Ninguem, senão os que comprehendiam-n'o de perto, aquilataram em vida os dotes moraes e intellectuaes d'aquella simples creatura de Deus; ninguem, como elle, bebeu de sua propria terra, de cujo amor nas horas de resentimento fallava com lagrimas nos olhos, o fel acredoce de não ser comprehendido.

Com instrucção rudimentar, sem prestigio social, desprovido de recursos pecuniarios, elle, o pobre Bomfim, foi servir na imprensa politica, sem outro fim que o natural devotamento pelas lettras.

E que odiosidade partidaria podia sentir ou inspi-

rar, quem como elle, enchergava tudo isto através do prisma negro do desdem?

Mas, o que é facto, é que os projectis da lucta feriram-no de preferencia, talvez pela casualidade caprichosa do combate.

Bomfim foi mal visto, não pelas sumidades da politica dominante, mas por alguem que pretendeu agradar a estas, praticando violencia aos desafectos.

Revolta dizer-se que nas vesperas de sua retirada para o Pará, o infeliz, o inoffensivo cultor de nossas lettras, sem motivo de qualquer especie, ia arrastado por quatro praças de policia para o posto policial!!

Chorar foi a sua manifestação de resistencia!

Dias depois, um mez, si tanto, rendia-se á grande lei do aniquilamento indo reduzir-se não á argilla da patria, mas á poeira de uma terra estranha, embora generosamente hospitaleira.

Mas. . que o esquecimento caia sobre tamanha injustiça.

Bomfim era poeta verdadeiramente dos goivos e das casuarinas.

Em tudo a gaze rouxa da tristeza insinuava-se, como n'uma eterna quaresma de fundos desalentos.

Os seus versos esparsos vão sahir brevemente com o titulo de «Goivos e Rozas», titulo escolhido pelo anctor quando teve occasião de manifestar desejos de publicar a sua obra.

A seguinte producção, «Noivado funebre», é a copia fiel da estranha e original emotividade do poeta. Aman do loucamente a alguem, que talvez não saiba dar o minimo valor á paixão d'aquelle viver de mudo allucinado, Bomfim antevia a região ignota a que se transportaria em breve, e nesse estado, entre os impetos vibrantes do amor e a duvida atrophiante, elle, cantava o seu noivado, não entre flores de langeiras e a neve filigranada do véu que resguarda as ondas de pejo da noiva adorada, mas no fundo de uma cova, sobre a qual o seu amor rebentaria em flores.

Que bella concepção de um espirito infeliz!

## NOIVADO FUNEBRE

Negra tristeza o meu semblante encova,
Oh noiva minha, oh lirio meu fanado!...
Por que não vamos na nudez da cova
Em cirios celebrar nosso noivado?

Nos sete palmos desse leito amado,
Ao frio bom de uma volupia nova,
Embalará o nosso amor gelado
O coveiro a cantar maguada trova.

E os nossos corpos, gelidos, inermes,
Em demorados e famintos beijos,
Serão depois roidos pelos vermes;

E do leito final que nos encerra
Em plantas brotarão nossos desejos,
E nosso amor em flores sobre a terra.

*
* *

## Bruno Barboza

O facto de surgir mais um poeta no Ceará não mereceria a importancia de convidar o leitor a perder tempo com a leitura do que se escrevesse a respeito.

São tantos os poetas!

Mas Bruno Barbosa é digno de menção especial pela sua rara precocidade intellectual.

Póde contar apenas 17 annos, e o seu talento revela-se com tal pujança, que, se levar uma proporção crescente até a maturidade do espirito, será um verdadeiro assombro.

Publicou um livrinho de estréa «Utopias», onde encontram-se promissoras revelações poeticas; prefaciando-o ,eu escrevi: «Não me alongarei mais ao traçar

estas linhas, dictadas pelo intuito de incentivar um moço de talento; occorre-me ao pensamento a lenda sublime dos antigos adoradores de Isis, que sobre a flôr do lotus corram a fazer as suppllicas de suas multiplas aspirações

Que estas paginas tenham toda a virtude da sagrada flôr do lotus.»

De facto, os meus votos vão se tornando em realidade; admiro satisfeito o evoluir constante da intellectualidade do poeta infantil, e o documento mais palpitante é a seguinte producção:

## HUMILHAÇÃO

A's vezes na soidão das noites silenciosas
Ouvindo o soluçar monotono do vento,
Ergo o olhar agitado ás nuvens alterosas
Dos astros a brilhar no alto firmamento.

Arrastam-me, a subir, as crenças mysteriosas
Que incute a solidão na aza do Pensamento,
E atravesso ligeiro immensas nebulosas
Milhões e mais milhões de mundos n'um momento.

Quando volto de andar por tantos infinitos,
E vejo a sordidez dos homens cá na terra
Erguendo para o céo seus lamentosos gritos;

De meu sonho febril sinto enorme saudade:
—E' que a tua grandeza, Universo, me aterra,
E a tua pequenez me humilha, Humanidade.

---

# O RIO GRANDE DO NORTE LITTERARIO

Por mais que eu me empenhasse em procurar elementos, informes, noticias detalhadas sobre a vida litteraria dos Estados do Norte, não consegui senão dados lacunosos; e de alguns Estados, como Alagôas, Piauhy, Maranhão e Amazonas, nada pude obter.

Em todo o caso, fique consignado o meu esforço, alicerce diminuto á obra grandiosa que ainda póde inspirar a historia litteraria do Norte.

Quando uma indifferença glacial predomina quasi que geralmente, é consoladora a impressão que nos causa a agitação litteraria que de 1889 para cá vai se manifestando no visinho Estado do Rio Grande do Norte.

Dadas as relatividades, depois do Ceará, tem a palma aquella humilde patria potyguar.

Occupemo-nos, portanto de preferencia do nosso operoso visinho.



Para que se possa entrar, á luz de uma orientação segura, no dominio da crititica litteraria, é mister recorrermos á fonte de que dimana o objecto da critica: o o meio, as condições ethnicas, os phenomenos peculiares á vida social, são as fontes geradoras de uma litteratura. Assim, portanto, não fará critica litteraria, quem de alguma forma não conheça as fontes, ou circumtancias concomittantes.

A estreiteza do espaço de que disponho nesta «Revista» não permitte senão mero registo de informações; todavia, sobre o Rio Grande do Norte abrirei ligeira excepção.

Não tem um passado que fecunde poemas, nem de sua historia chegam vozes de grandes martyrios ou de arrojados heroismos.

O elemento indigena nas tradicionaes luctas dos aborigenes; o africano, nostalgico e soffredor nos canaviaes do *Ceará-Mirim* e *Cunhaú;* o reflexo das agitações po-

liticas de Pernambuco; 1817 despertando os primeiros estimulos de emancipação (André de Albuquerque e Frei Miguelinho); a Abolição dos escravos; e a proclamação da Republica; eis ligeira synthese da historia norte-rio grandense.

As seccas, a vida do sertão, as praias de alvissimas dunas, as lagôas, completam as condições do meio ambiente.

Durante o periodo da monarchia nada occorreu, litterariamente fallando, que possa merecer investigação.

E, comquanto, a Republica não se escoimasse de todos os vicios, força é confessar, deve-se á sua influencia no visinho Estado o progredimento intellectual que se observa.

Sem intuitos de lisonja expontanea ou gratuita, o Dr. Pedro Velho, incutindo a democracia desde a phase de propaganda até agora, teve a rara virtude de reunir um certo nucleo de intellectuaes, estimulando-os. Desse primeiro factor geraram-se novos factores.

Eloy de Sousa, H. Castriciano, Manoel Dantas, Pedro Avelino, Antonio de Sousa, os trez irmãos Wanderleys, Francisco Palma, José Pinto, Antonio Marinho, e tantos e tantos outros, não podem esconder a influencia do illustre republicano, que, galgando a direcção suprema dos negocios politicos de sua terra, teve largueza de espirito para saber aproveitar os talentos superiores.

Nem sempre se encontram desses bemfeitores; isto não quer dizer que, sem a influencia do prestimoso homem publico, se estiolassem os bellos talentos citados; mas o incentivo, o exemplo, o esforço por prestigial-os, aproveitando aptidões, são incontestaveis requesitos influenciadores da vida litteraria que tanto lustre vai dando áquella terra.

O nortista, expansivo por todas condições de raça e do meio, tem no Rio Grande a sua intensidade caracteristica.

Entregue ás folias, aos ardores da politicagem, ou offerecendo com denodo o peito ás balas, como os sol-

dados do 34 batalhão em Canudos, sob qualquer ponto de vista é o rio grandense do norte impetuoso e vivaz.

Acompanhemos esse generoso povo nas diversas manifestações de sua actividade: no litoral, vel-o-hemos na jangadinha intrepida, desenvolvendo a sua rica industria da pescaria. Por aquellas praias de morros alterosos, habita na solidão feliz dos ignorados; lá, encontral-o-hemos nos dias de descanço, sob as *caiçaras* sombrejantes, de viola ao peito, cantando lendas ou narrações da vida do mar.

Quem escreve estas linhas presenciou, por mais de uma vez, dessas scenas de vida simples pelas praias do visinho Estado.

No sertão, é o vaqueiro intrepido que dá caça á onça usando apenas da faca de Pasmado.

E por toda a parte, a mesma expansibilidade, musicos, tocadores de violão, os cantores populares João Birro do Japy, os mestiços Pedro Regio, Ventania, Elisiario, Eleshão, os ex-escravos Thiago, José Romeiro, Maria *Trubana*, Lourival, Barbosa e Assucena, etc.

Agora (de 1889 para cá) é esse mesmo povo que se manifesta lisongeiramente em tentamens litterarios.

Filhos illustres já os tinha desde muito, fora da patria natal: José Leão, Amaro Cavalcanti, Tobias Monteiro, Amaro Barreto (musico de genio), Almino Affonso (de saudosa memoria), Nizia Floresta (escriptora de 1812), Joaquim Fagundes e José Theophilo (poetas e dramaturgos. (*)

Occupemo-nos, porém, da phase que passa, d'essa effervescencia, nuncia de alguma cousa melhor ainda.

Além dos jornaes de pequenos formatos, frequentes ephemeros, como as flores do campo, as aggremiações litterias e theatraes medram por toda a parte.

Em Natal: *Gremio Polymathico* (de pessoal selecto em posição social), *Congresso Litterario, Le Monde Mar-*

---

(*) Algumas destes nomes são extrahidos da «Conferencia do Sr. Antonio Marinho—1899».

che e *Academia Litteraria Norte rio-grandense*, *Gremio Castro Alves.*

Em Macahyba: *Gremio Tobias Barreto* e *Pantheon Dramatico.*

No Açú: *Progresso e luz.*

Na cidade do Martins: *O instituto litterario 12 de Outubro.*

Na villa do Patú: *Sociedade Litteraria 7 de Setembro.*

Em Mossoró: *Club Dramatico Familiar.*

Ha ainda clubs dramaticos na Penha, S. José de Mipibú, Caraúbas e Caicó.

O *Gremio Polymathico* mantem uma bôa revista, um tanto inclinada a meditação e a assumptos menos passageiros.

Nella destacam-se artigos juridicos do jurisconsulta parahybano Meira e Sá, poesias de H. Castriciano, Auta de Sousa, e artigos de Alberto Maranhão (subsidio historicos), de Antonio de Sousa, Manoel Dautas, Pedro Avelino e outros.

O *Congresso Litterario* mantem a «Tribuna», revista da mocidade.

O *Le Monde Marche* publica o «Oasis» ha cinco annos.

A *Academia Litteraria* edita a «Miscellanea».

O *Progresso e luz* o «Livro», periodico. [*]

Não é pequena a colheita de bons tentamens.

Passemos a individualisar os intellectuaes de certo merecimento.

### Dr. Manoel Segundo Wanderley

Um dos poetas mais expontaneos de seu meio, ainda aureolado pela fama adquirida nos tempos academicos

Pode ser chamado o poeta das massas, pelo arroubo de imaginação, calor de expressão e relevo de ideias.

---

(*) Alguns destes esclarecimentos foram igualmente ministrapospela alludida «Conferencia» Marinho.

E' um perfeito condoreiro deslocado entre os que buscam acompanhar a evolução das lettras.

Escreve pelos impulsos de uma concepção litteraria toda á sua vontade: em poesia segue Castro Alves, e em prosa adora o gongorismo.

Como dramaturgo, elle não cogita se o theatro actual pede o estudo da alma humana, para corrigir a sociedade.

Escreve para emocionar, traçando com meditada intenção os lances mais patheticos do que se chama *dramalhão.*

Tem publicado: *Estrellas Cadentes, Miragens e Prismas, Trez Datas* (a proposito dos tres factos capitaes da historia patria: Independencia, Abolição e Republica], *Recoltas Poéticas* -são todas obras poeticas.

Tem escripto para o theatro: *A Louca da Montanha, Alberto ou a Gloria do Artista, O riso da dôr, Portuguezes e brazileiros* e *Amor e Ciume*, (dramas).

Segundo Wanderley por vezes tem tentado se adaptar ás modernas escolas da poesia; e, talento assimilador, não occuparia logar mediocre, si em vez de tentativas, se dedicasse com preoccupação.

Transcrevo um soneto seu produzido nesta phase de tardia transição.

SEIOS

Brancos, de arminho, timidos, olentes,
Os seios da mulher, flocos de brumas,
Tinham da côr marmorea das espumas,
E a candidez das cousas innocentes.

Mas um dia da rigida mamilla,
Incidindo na polpa alabastrina,
Dous pedaços de aurora purpurina
Mancham do nacar a nevada argilla.

Logo ao rubro matiz que as pomas veste,
Corre a seiva mais quente e perfumosa
Dos desejos acorda o bando agreste...

E quando Deus, n'uma manhã formosa,
Foi visitar o seu jardim celeste,
Viu que faltavam dois botões de rosa.

*
* *

H. Castriciano

Este é um poeta do Brasil.

Muita imaginação, espontaneidade e adaptação perfeita aos novos moldes das cousas litterarias.

Quasi nada poderei adiantar ao que escrevi no prefacio das «Ruinas» e que foi incluido na «Revista da Academia Cearense», de 1898.

Castriciano, além de poeta de grande merito, maneja bem a penna como *conteur*, romancista e dramaturgo.

Acaba de escrever o seu drama de estréa *O Engeitado*, levado com escandalo no theatro de Natal.

O meio não podia dar applausos a uma obra de actualidade, vasada nos moldes modernissimos da analyse social.

O criterio para o julgamento do moderno romance, como das peças theatraes, que não sejam o burlesco, não está hoje ao alcance de todos.

Corrigir o escandalo pelo proprio escandalo é um processo extravagante para quem tem o paladar artistico preparado para ante-gosar ainda *a punição do vicio a tiro de pistola* ou em lagrimas profusas *o perdão de um pai á filha que transviou-se*

O que me admira é Castriciano não ter sido lynchado no momento em que o «engeitado reconhece ter se amasiado com a propria mãi.»

O *Tisico* é o romance que o fecundo litterato dará á estampa brevemente. Tem publicado trechos avulsos, que muito recommendam.

Depois do «Ruinas», H. Castriciano deu á luz da publicidade o seu poema «Mãi», que no contexto é a historia ingenua de uma criança, analysada de travessura em travessura, ao carinhoso afago domestico.

E' um livro de sentimento, e, como talvez—a mais sincera expressão de sua alma de artista doente, dessa nevrose, que é a alma a [illegible] em emoções, a sentir,... a gozar...—a emoção vaga de uma dôr ou de um sonho que não tem explicação racional; Castriciano dedicou-o A' MEMORIA DE SUA MÃI com estas palavras arrancadas do coração:

«... e, desejando que estas pobres rimas fossem dignas de tua memoria, escrevi-as sobre as paginas da Biblia e sob as arvores mortas, á beira do oceano, longe dos homens, no regaço amigo da Natureza eterna...»

O *Mãi* é prefaciado por Olavo Bilac.

Destacarei do livro algumas dessas scintillações geniaes, já que não posso occupar maior espaço na «Revista».

«Porque será que a lagrima primeiro
Brilha nos olhos castos da criança,
Antes que o riso, mystico e fagueiro,
Venha tecer-lhe um ninho de esperança?»

E mais adiante tratando do baptismo da criança:

«Duvido muito que este velho rito
Seja a chimera da manhã radiosa,
Pois é sabido lá Azul bemdicto.
Só com orvalho doce do infinito.
A Estrella d'Alva faz christã a rosa.»

Finda o poema n'um trecho de funda tristeza: *Branca*, a criança, precipita-se no mar, e Bertha fica, allucinada, a vagar beirando o oceano.

«Grito de dôr, espasmos de agonia
Preces desfeitas, beijos desvairados,
Tudo que chora, quando finda o dia,
Vae esconder-se na mortalha fria.
Que a noite cose para os desgraçados.»

Esta estrophe é a synthese da obra.

Castriciano tem tambem, a entrarem para o prelo:

«Suprema Dôr», drama em 1 acto; «Cinzas», versos; *Redempção de Saiam* (poema social).

Não posso deixar de consignar aqui encomios á vocação de orador que se manifesta em Castriciano: o seu discurso sobre o «Centenario do descobrimento do Brasil» é digno de se colleccionar entre os melhores dos melhores oradores.

Eis o que despreoccupadamente se pode escrever sobre a individualidade já consummada, porém a tomar maiores proporções, desse modesto e incansavel propugnador das lettras patrias.

*
* *

## Auta de Sousa

Manifestou-se poetisa, não ensaiando dedilhações indecisas, mas vibrando com segurança a sua lyra, que tem a forma de coração, encordoado de lagrimas.

O seu grande estro poetico, cuja fonte é a desillusão intima dos encantos da vida, appareceu, como estranho sol, no ponto culminante a que attingem depois da natural evolução os demais soes.

E' uma poetisa consagrada: tem inesgottavel inspiração, doçura, sentimento e senso plastico.

Auta de Sousa, irmã de dous espiritos de eleição, H. Castriciano e Eloy de Sousa, avantaja-se a estes. Creio na equidade do Genio Encantado que fadou a todos, na partilha da intelligencia; mas um mesmo poder intellectivo, tem vibração differente nesse recesso de crystal que se chama o coração da mulher.

O «Horto» é o seu livro de estréa, e será o seu glorioso canto de cysne. Olavo Bilac, prefaciando-o, não

sahiu de um estreito circulo convencional, deixando sem analyse aquelle escrinio vivo de sonhos murchos e illusões myrradas.

O Brazil, que elevára á banqueta do altar o nome de Francisca Julia, com a publicação do «Marmores», tem o dever inadiavel de erigir, em forma de sacrario, um templo especial para a modesta poetisa norte-rio-grandense.

A ella devemos todos o orgulho nobilitante de termos uma verdadeira eleita das musas.

«Lagrimas» é uma producção singela que só por si firma todo o meu juizo.

## LAGRIMAS

*(A meu irmão João Cancio de Souza)*

Eu não sei o que tenho... Essa tristeza,
Que um sorriso de amor nem mesmo aclara,
Parece vir de alguma fonte amara
Ou de um rio de dor na correnteza.

Minh'alma triste n'agonia presa,
Não comprehende esta ventura clara,
Esta harmonia maviosa e rara
Que ouve cantar alem pela deveza.

Eu não sei o que tenho... Esse martyrio,
Essa saudade roxa como um lyrio,
Pranto sem fim que dos meus olhos corre...

Deve ser o suspiro doloroso,
O estertor prolongado e angustioso
Do ultimo adeus de um coração que morre.

*
* *

### Francisco Palma

Publicou um livro de versos, «Santelmos», em que su'alma de expontaneo sonhador vaga embalada como a nymphéa sobre o espelho do lago.

E' dotado de inspiração e verseja com facilidade; incorrendo aqui e alli em descuidos.

Palma deixa transparecer através de todas as suas concepções uma sombra de soi-posto, denunciando essa nativa descrença propria dos espiritos inimigos das convenções e exigencias sociaes.

Eis um soneto seu:

### MEU SEGREDO

Ninguem pergunte mais porque motivo
O meu sorriso é tremulo e forçado,
Ninguem pergunte mesmo porque vivo
Dentro do mundo e delle separado.

Ninguem pergunte ao louco desposado
Da dor secreta, ao misero captivo
Do soffrimento intimo e calado,
Que dôr é essa assim sem lenitivo.

Ninguem pergunte nada: que eu não digo,
Este eterno segredo é meu castigo,
Castigo atroz que mata-me sem pena.

Sabem d'elle somente, neste mundo,
O coração do céu, grande e profundo,
E a noite amiga esplendida e serena.

*
* *

Além dos litteratos mencionados, ha no meio riograndense outros nomes festejados no dominio das letttras; e se não consagro uma referencia especial a cada um, é porque tem sido proposito meu fazer essa distinc-

ção somente aos que teem arrostado a critica implacavel, dando á publicidade os seus trabalhos enfeixados em volume.

Alberto Maranhão, Pedro Velho, Eloy de Sousa, José Paulo Antunes, Nascimento Castro, Pedro Avelino, Antonio de Sousa, Thomaz Gomes, Manoel Dantas e Augusto Lyra, brilham na arena do jornalismo indigena.

Luiz Lobo, Alipio Bandeira, Salustino e Ezequiel Wanderley, Sebastião Fernandes, cultivam as musas vantajosamente.

Ha por alli, despontando em ascensão promissora, uma vocação criticista—Antonio Marinho.

Eis em resenha ligeira o que se póde dizer do Rio Grande do Norte litterario até o fim do seculo XIX.

RODRIGUES DE CARVALHO.